

Prefácio	7
O Doutor Fausto — A Vida do Compositor Alemão Adrian Leverkühn, Contada por Um Amigo	17
Notas de Tradução	575

I

Faço questão de assegurar peremptoriamente que não é, de modo nenhum, por desejar dar destaque à minha pessoa que anteponho algumas palavras sobre mim próprio e sobre as minhas motivações a este relato da vida do saudoso Adrian Leverkühn, esta primeira e, certamente, muito provisória biografia daquele homem que me era caro, tão terrivelmente martirizado pelo destino, engrandecido e derrubado, e músico genial. O que me motiva não é senão a suposição de que o leitor — ou melhor, o leitor futuro, já que, de momento, ainda não existe a mínima possibilidade de que a minha obra possa vir a público — a não ser que, por milagre, ela conseguisse deixar a nossa assediada fortaleza Europa e levar às pessoas lá fora um sopro dos segredos da nossa solidão; peço licença para recomeçar: é só porque estou a contar com que as pessoas desejem ser informadas brevemente sobre o quem e o quê daquele que escreve que faço anteceder estas revelações de umas poucas anotações sobre a minha própria pessoa — é verdade que não sem receio de, justamente com isso, despertar dúvidas no leitor sobre se se encontra em boas mãos, isto é, se, a ajuizar por todo o percurso da minha vida, sou o homem indicado para uma tarefa a que sou impelido talvez mais pelo coração do que por uma qualquer afinidade que me legitime.

Releio as linhas anteriores e não posso deixar de notar nelas uma certa inquietação e uma respiração opressa que são perfeitamente características do estado de espírito em que, hoje, no dia 27 de Maio de 1943, três anos depois da morte de Leverkühn, quer dizer, três anos depois de ele sair de uma noite profunda para a mais profunda das noites, me sento no meu pequeno escritório de há tantos anos em Frei-

sing do Isar, para começar a história da vida do meu infeliz amigo que Deus tenha — oh, que assim seja! —, características, digo, de um estado de espírito em que se misturam da maneira mais aflitiva uma necessidade de contar que põe o coração aos saltos e um profundo receio de não estar à altura. Eu sou uma pessoa absolutamente moderada e, posso dizê-lo, saudável, de temperamento humano, propenso à harmonia e à razão, um erudito e *conjuratus* da “Legião Latina”, não sem relacionamento com as Belas-Artes (toco *viola d’amore*), mas um filho das musas no sentido acadêmico da palavra, que gosta de se considerar descendente dos humanistas alemães da época das *Cartas dos Varões Obscuros*, de um Reuchlin, Crotus von Dornheim, Mutianus e Eoban Hesse. Mesmo que não me atreva a negar a sua influência na vida humana, sempre senti o demoníaco como decididamente estranho à minha natureza, eliminei-o instintivamente da minha visão do mundo e nunca senti a mínima inclinação para me envolver temerariamente com as forças do mundo inferior, ou mesmo, num acesso de arrogância, conjurá-las a virem a mim, ou, quando se aproximavam de mim tentadoramente, estender-lhes sequer o dedo mindinho. Estas convicções custaram-me sacrifícios, sacrifícios ideais e sacrifícios do bem-estar material, pois desisti, sem hesitar, antes de tempo, da profissão de professor que me era cara, quando se revelou que ela não era compatível com o espírito e as exigências da nossa evolução histórica. Neste aspecto, estou satisfeito comigo próprio. Mas esta firmeza ou, se se quiser, limitação da minha pessoa moral só pode reforçar-me nas minhas dúvidas sobre se me é lícito sentir-me verdadeiramente vocacionado para a tarefa que aqui estou a assumir.

Há pouco, mal tinha posto a pena no papel quando brotou dela uma palavra que, secretamente, me provocou já um certo embaraço: a palavra “genial”; estava a falar do génio musical do meu saudoso amigo. Ora, esta palavra, “génio”, embora excessiva, tem, mesmo assim, indubitavelmente, um som e um carácter nobres, harmónicos e humanamente sadios, e uma pessoa como eu, por mais longe que esteja da pretensão de partilhar este domínio sublime com o seu próprio ser e de alguma vez ter sido abençoada com *divinis influxibus ex alto*², não deveria ver nenhum motivo racional para recuar com medo perante essa tarefa, nenhum motivo para falar dela e agir de outra forma que não com um olhar alegre e uma intimidade respeitosa. É o que parece. E, no entanto, não há que negar e nunca foi negado que o demoníaco e o irracional parti-

cipam de forma inquietante nesta esfera luminosa, que existe sempre uma ligação, que desperta um leve horror, entre ela e o reino das profundezas e que, justamente por isso, os epítetos reconfortantes que procurei atribuir-lhe, “nobre”, “humanamente sadio” e “harmónico”, não se adequam bem — mesmo quando — é com uma espécie de decisão dolorosa que estabeleço esta diferença —, mesmo quando se trata de um génio *puro* e genuíno, oferecido ou infligido por Deus, e não de um génio adquirido e funesto, do pecaminoso e doentio fazer em cinzas de dons naturais, da execução de um horrendo contrato de compra...

Interrompo neste ponto, com a sensação humilhante de fracasso e descontrolo artísticos. Dificilmente o próprio Adrian teria, suponhamos, numa sinfonia, feito aparecer um tal tema tão antes de tempo — quando muito, tê-lo-ia feito anunciar-se ao longe de uma forma delicadamente oculta e ainda mal perceptível. De resto, o que me escapou talvez toque também o leitor apenas como uma alusão obscura, dúbia, e só a mim pareça uma indiscrição e uma grosseira falta de subtilidade. Para uma pessoa como eu, é muito difícil e quase parece uma frivolidade, perante um tema como este, que lhe é imensamente querido e absolutamente premente, assumir a posição do compositor e manejá-lo com a circunspecção hábil de um artista. Daí a minha alusão precipitada à diferença entre o génio puro e o impuro, uma diferença cuja existência reconheço, apenas para perguntar de imediato a mim mesmo se tem *razão* de existir. Efectivamente, o que vivi obrigou-me a reflectir sobre este problema tão intensamente, com tanta insistência, que, por vezes, me parecia, de maneira assustadora, que isso me empurrava para além do plano intelectual que verdadeiramente me cabe e me é apropriado e que eu próprio estava a experimentar uma intensificação “impura” dos meus dons naturais...

Interrompo de novo, ao recordar-me de que só me referi ao génio e à sua natureza influenciada, *em qualquer caso*, pela esfera demoníaca para explicar as minhas dúvidas sobre se possuo a afinidade requerida pela minha tarefa. Contraponha-se então aos escrúpulos de consciência o que quer que eu tenha para alegar. Coube-me em sorte passar muitos anos da minha vida na proximidade familiar de uma pessoa genial, o herói destas páginas, conhecê-lo desde criança, ser testemunha do seu crescimento, do seu destino, e participar na sua criação no papel humilde de ajudante. A adaptação como libreto da comédia de Shakespeare *Tanto Amor Desperdiçado*, a maliciosa obra de juventude de Leverkühn,

é de minha autoria, e também pude intervir na preparação do texto da suíte operática grotesca *Gesta Romanorum*, bem como do oratório *Apocalipse de São João, o Teólogo*. Isso é um aspecto, ou talvez já um e outro aspecto. Mas, além disso, tenho na minha posse papéis, anotações inestimáveis, que o falecido me legou em testamento, a mim e a nenhum outro, em dias em que ainda tinha saúde ou, se não posso exprimir-me assim, em que tinha uma saúde relativa e legalmente reconhecida, e nos quais irei apoiar-me na minha narrativa, mais até, a partir dos quais, numa selecção criteriosa, tenciono inserir alguma coisa directamente nessa narrativa. Em último e primeiro lugar, porém — e esta justificação foi sempre a mais válida, se não perante os homens, perante Deus: eu amei-o — com horror e ternura, com compaixão e uma admiração devotada — e pouco perguntei se me retribuía minimamente esse sentimento.

Não retribuiu, oh, não. No documento em que legava os esboços de composição e páginas de diário do espólio, exprime-se uma confiança amigável e pragmática, quase diria, indulgente e, sem dúvida, honrosa para mim, no meu escrúpulo, lealdade e rectidão. Mas amar? Quem é que este homem teria amado? Outrora, uma mulher — talvez. No final, uma criança — pode ser. Um peralvilho sem importância, capaz de conquistar qualquer um, e homem para todas as horas, que, depois, com toda a probabilidade, justamente porque lhe tinha afeição, enjeitou — enviando-o para a morte. A quem é que ele teria aberto o seu coração, quem alguma vez admitiu na sua vida? Em Adrian, isto não existia. Aceitava a devoção humana — eu seria capaz de jurar: muitas vezes, sem sequer reparar nela. A sua indiferença era tão grande que quase nunca reparava no que acontecia à sua volta, em que companhia é que estava, e o facto de só muito raramente tratar um interlocutor pelo nome faz-me supor que não sabia esse nome, enquanto a outra pessoa tinha todas as razões para supor o contrário. Comparo a sua solidão a um abismo em que os sentimentos que lhe dedicavam desapareciam silenciosamente e sem deixar rasto. À sua volta, reinava o *frio* — e que sensação me assalta ao utilizar esta palavra, que também ele um dia escreveu numa ocasião monstruosa! Há vocábulos que podem emprestar à vida e à experiência um acento que os aliena completamente ao seu sentido quotidiano e lhes confere um nimbo de terror que ninguém que não tenha travado conhecimento com eles no seu significado mais terrível compreende.

II

O meu nome é Doutor Serenus Zeitblom. Eu próprio ponho em causa o estranho atraso da entrega deste cartão-de-visita, mas o facto é que o andamento literário da minha crónica me foi impedindo de o fazer até este momento. Tenho sessenta anos, pois nasci em 1883 d. C., o mais velho de quatro irmãos, em Kaisersaschern do Saale, distrito de Merseburgo, a mesma cidade em que também Leverkühn passou todo o seu tempo de escola, razão pela qual posso adiar uma caracterização pormenorizada dela até chegar o momento de descrever esse tempo. Como o percurso da minha vida em geral se cruza de múltiplas formas com o do mestre, será bom falar de ambos em conjunto, para não cair no erro de me precipitar, o qual, quando temos o coração a transbordar, é uma tentação permanente.

Limitar-me-ei a referir, neste ponto, que nasci no meio modesto de uma classe média semiculta, uma vez que o meu pai, Wolgemut Zeitblom, era farmacêutico — de resto, o mais importante da praça: havia ainda uma segunda farmácia em Kaisersaschern, a qual, porém, nunca gozou da mesma confiança do público que a farmácia “Aos Santos Apóstolos” do senhor Zeitblom e teve sempre dificuldade em concorrer com ela. A nossa família contava-se entre a pequena comunidade católica da cidade, cuja população, evidentemente, pertencia na maioria à confissão luterana, e a minha mãe, sobretudo, era uma filha devota da Igreja, cumprindo conscienciosamente os seus deveres religiosos, enquanto o meu pai, provavelmente, por falta de tempo, se mostrava mais relaxado nesse aspecto, sem por isso negar minimamente a solidariedade de grupo com os seus correligionários, a qual, na verdade, também tinha relevância política. O que era digno de nota é que, a par do nosso pároco, o cónego Zwilling, também o rabino da cidade, de nome Dr. Carlebach, frequentava os nossos salões, situados no andar por cima do laboratório e da farmácia, o que não teria sido facilmente possível em casas protestantes. O mais bem-apegoado era o representante da Igreja romana. Mas a minha impressão, talvez baseada, fundamentalmente, em observações do meu pai, sempre foi que o talmudista pequeno e de barba comprida, com um solidéu na cabeça, superava de longe o colega da outra crença no tocante a erudição e a argúcia religiosa. Talvez seja por causa desta experiência de juventude, mas tam-